

TU

EDIÇÃO 004 - ANO 01



TU É GATA
ALINE
GOMES
NO ACONCHEGO
DE SUA CASA

TU ENTREVISTOU
SILVER SURF
OS IRMÃOS TICO E TECO
FALAM DE TUDO, ATÉ
SOBRE SURF

TU PELO MUNDO
MONTE
RORAIMA

UMA VIAGEM EMOCIONANTE
AO MISTERIOSO MONTE NA
DIVISA COM A VENEZUELA

ESTA É PRA TU

Sabíamos que ter uma revista como a **TU** nos traria muito trabalho. Mas é um trabalho prazeroso, com coisas que apreciamos, como fotografia, design, música, cerveja, pessoas interessantes e pessoas interessadas em fazer a revista crescer. Vamos aprendendo com os nossos erros, a cada edição desenvolvemos técnicas novas, aprendemos a tratar com pessoas diferentes e descobrimos que cada edição é uma história, com novos desafios e novas diversões.

Nessa quarta edição você conhecerá o incrível trabalho dos irmãos Tico e Teco, que fabricam em Santos as pranchas utilizadas pelo Ítalo Ferreira, no circuito mundial de surf. Visitará o misterioso Monte Roraima através dos depoimentos da colaboradora Wanessa Caetano. Conhecerá cervejas que têm tudo a ver com Primavera, dica das beer sommeliers Regina Santucci e Thays Cardozo. E vai se apaixonar pela gata Aline Gomes e seu gato John.

Esperamos que vocês gostem da quarta edição, suamos com gosto para fazê-la. Não deixe de dar seu feedback nas redes sociais e usar a #eusoutu nas suas fotos. Agora, até o final do ano, o tempo passará voando e logo a quinta edição estará nas suas mãos. Então aproveite! **TU**



**FERNANDO
DE SANTIS**



**THIAGO
SOUTO**

ELES FAZEM A TU

textos

\fernando de santis
\regina santucci
\thays cardozo
\thiago souto
\wanessa caetano

fotos

\fernando de santis
\leandro paviote
\thiago souto
\wanessa caetano

assistente de fotografia

\fabio chinaglia

diagramação

\thiago souto

revisão

\mariana tassi



#04
TU ENTREVISTOU

#12
TU PELO MUNDO



#24
TU É GATA

#36
TU TEM O QUE FALAR



#44
TU COMEU



Os irmãos Sylvio Tico, na esquerda, e Adriano Teco em meio ao seu tesouro de blocos prontos para serem transformados em pranchas de alta performance.



NEGOCIO

DE FAMILIA

ADRIANO TECO E SYLVIO TICO,
DA SILVER SURF, COMEÇARAM
FAZENDO PRANCHA EM UM
QUARTINHO E HOJE SUAS
PRANCHAS CORREM
O CIRCUITO MUNDIAL

entrevista e fotos
\fernando de santis
\thiago soutu



TU - Como nasceu a Silver Surf? E de onde surgiu a ideia?

Tico - Bom, a ideia de fazer prancha foi surgindo naturalmente. Conhecemos o surf bem na adolescência e tudo que fizemos na vida sempre foi para o lado da construção. Nas fases que tivemos antes de começar a fazer prancha, na fase do skate, todos os dias antes de andar desmontávamos e montávamos o skate. Na fase da *bike* era a mesma coisa. O quarto virava uma oficina de *bike*, montava e desmontava a *bike*, autorama, montava e desmontava carrinhos o dia inteiro. Chegou um dia que pensamos "pô, vamos começar a remendar nossas pranchas, fazer uns consertos e tal?". Aí começamos consertando as pranchas. Um amigo meu falou "tem a resina ali, é só misturar um negócio no outro, aí faz a resina secar, coloca na prancha e tá pronto". Pô, que maneiro, vamos fazer! Começamos no remendinho mesmo e, de repente, vimos que era possível fazer uma prancha inteira. Pegamos uma prancha velha, tiramos a laminação dela, aproveitamos o bloco, *re-shapeamos* e fizemos a lami-

nação. A partir daí, vimos que dava para fazer pranchas. Começou como um hobby. Depois de algum tempo, começamos a levar para o lado profissional. A gente começou fazendo um remendo para os amigos, cobrar. Naquela época moleques, 14, 15 anos, qualquer dinheirinho era bem-vindo. Com isso a galera foi aparecendo, vimos que dava pra fazer um dinheirinho ao invés de ficar o dia inteiro marcando na rua e foi naturalmente. Até que começamos a engrenar e fazer as nossas primeiras pranchas para usarmos e, com o tempo, a galera começou a ter uma aceitação. No começo tinha um pessoal que *shapeava* pra nós, o meu irmão (Teco) fazia a resina e eu fazia parte de lixar a prancha. E aí, com o tempo, a gente viu a necessidade de *shapear* a prancha e o meu irmão começou a fazer isso, que é o trabalho mais conceituado da prancha, é a alma, é o que faz a prancha funcionar ou não. A maior dificuldade de se fazer uma prancha é projetá-la para o que a pessoa quer e precisa. Com o tempo eu também comecei a fazer *shape* e, quando vimos, já estávamos no sistema de produção de

“CHEGOU UM DIA QUE PENSAMOS: ‘PÔ, VAMOS COMEÇAR A REMENDAR NOSSAS PRANCHAS, FAZER UNS CONSERTOS E TAL?’”

pranchas. Tivemos que passar para uma fábrica maior. Começamos fazendo no quartinho do apartamento da nossa avó. Depois com ajuda da minha mãe e minha avó, batendo de porta em porta, conseguimos na Carvalho de Mendonça um cara que tinha um espaço e cedeu para nós. Ali levantamos uma mini fábrica com três salas e a galera começou a encomendar as pranchas com a gente e virou trabalho. Ficávamos lá o dia inteiro e até o dia que a esse lugar ficou pequeno também, foi quando nos mudamos para a rua Joaquim Távora, na quadra da Beneficência Portuguesa. Era uma casa, uma senhora alugou para nós os fundos, construímos uma fábrica maior e, com o tempo, a senhora faleceu. Daí acabamos pegando a casa inteira, ficou um negócio bem mais estruturado, tinha uma loja, um escritório e tinha a fábrica nos fundos. Mas ali é uma área residencial, começou a incomodar. Não recebemos reclamação, mas percebemos. Então procuramos outro lugar, quando viemos para cá (onde estamos atualmente). Foi quando profissionalizamos a firma, estruturamos para realmente atender o mercado nacionalmente.

Na esquerda, Tico dá curvas a um bloco sob o olhar atento do irmão. Ao lado, Teco passa resina em uma prancha de *stand-up paddle*.



TU - Daí surgiu o intercâmbio com os Estados Unidos?

Tico - Com a Califórnia, precisamente. Temos um amigo daqui de Santos, Eduardo Sapienza. Ele era surfista profissional, foi pra Califórnia, descobriu aquela maravilha e nos convidou para ir lá conhecer. Lá é o berço da indústria do surf. Começamos a ter contato com fábricas de verdade e vimos o que era fazer uma prancha com material de qualidade. Depois dessa viagem, que foi em 1999, voltamos para o Brasil com outra cabeça e uma das ideias era voltar todos os anos para a Califórnia, trabalhar lá e voltar com o *know-how*. Foi aí que começou com o Timmy Patterson, que é o *shaper* que utilizamos para fazer as pranchas do Ítalo.

TU - E vocês são os representantes dele aqui no Brasil...

Tico - Exatamente. Somos representantes exclusivos dele no Brasil. Chegamos na fábrica dele, dois brasileiros que estavam lá a passeio, e ele precisando de mão de obra. Naquela época era a época de ouro de produção de pranchas, no começo dos anos 2000, por aí. Ele tinha muito trabalho e precisava de mão de obra. Foi quando começamos a trabalhar com ele. Bem do princípio, ajudando a remendar, a lixar. Ele perguntou "sabe passar resina?", era o que o meu irmão fazia. Depois, "então lamina uma prancha!" e ele ia falando "faz assim, faz assado..." e começamos a meter a mão na produção dele. Foi quando ganhamos credibilidade e con-

“DEPOIS DESSA VIAGEM (PARA A CALIFÓRNIA), VOLTAMOS PARA O BRASIL COM OUTRA CABEÇA”

fiança. Então, umas duas ou três temporadas depois que estávamos com ele, falamos "Pô, nós temos uma fábrica no Brasil...". Para ele foi um espanto. "Pô, vocês têm uma fábrica lá? Estão fazendo o que aqui?" (risos) Foi quando começamos a conversar sobre a possibilidade de fazer as pranchas dele no Brasil. Começamos a entrar na parte do *shape*, a fazer na espuma todas linhas que precisam estar ali e foi a mesma coisa, meu irmão falou "eu faço *shape*..." aí ele

aprovou, deu uns toques. Então meu irmão precisou vir embora para o Brasil, e eu vi a possibilidade de entender um pouco mais e comecei a *shapear*. Aí ele sentiu a confiança, viu que sabíamos lixar como ele queria, sabíamos passar resina como ele queria, sabíamos *shapear* como ele queria. Quando voltamos, pedi: "posso levar um jogo de seda?", do logotipo dele... (chamamos de seda, porque é impresso num papel de seda e é colado junto com a resina da prancha). Ele nos deu jogo de seda, voltamos, fizemos uma prancha no Brasil e nosso amigo Eduardo levou a prancha para ele. Ele viu e falou "podem fazer!". Aí começou a parceria e hoje temos um trabalho bem sólido com ele e com certeza esse intercâmbio foi o ponto principal para termos o *know-how* que temos hoje. Estando só no Brasil, fica meio acomodado, precisa ver o que estão fazendo (no exterior) e vai crescendo.

TU - E com a crise, como andam as vendas? O *Brazilian Storm* ajudou a dar uma força na divulgação e influência?

Tico - Sim, eu acho que sim. Essa influência do *Brazilian Storm*, Gabriel Medina e Mineirinho, os títulos mundiais, foi o que manteve o surf vivo durante esse período do país, pois muita coisa fechou. Se não tivesse toda essa euforia na mídia, o negócio poderia ter sido mais feio. Acho que o pior já passou em termos de mercado. Agora vai chegar o Verão e, embora as melhores ondas sejam no Outono e Inverno, ele mantém o mercado aquecido e acredito que agora a tendência é dar uma melhorada. É engraçado, pois o mercado do surf no Brasil não acompanhou esse crescimento do nome dessa molecada. Hoje, o circuito brasileiro profissional é bem precário, os circuitos regionais também. Um ou outro estado tem um circuito forte. São Paulo ainda tem um circuito forte, mas não é todo estado que tem. Várias empresas grandes de *surfwear* estão passando por dificuldades. Ítalo, Medina, Felipinho e Mineirinho, os que estão na mídia, estão bem, tirando



bastante proveito, mas infelizmente o mercado não tira proveito. Pegou o país num momento muito ruim... em todos os segmentos. Todos sentiram essa crise, com surf não dói diferente...

TU - E o *Stand Up Paddle*, que abriu um leque pro pessoal que não surfa...

Tico - Exatamente... o *SUP* foi o que segurou as fábricas de surf especificamente, durante os últimos quatro ou cinco anos. Agora o *SUP* caiu bastante, drasticamente, mas acredito que nesse verão ele comece a retomar. Estamos acreditando que chegará com um pouco de força, pois passou aquele lance da moda, muita gente acabou procurando o esporte. Experimentando, de repente não era para ele... mas também leva muita gente que não acreditava que poderia praticar um esporte aquático desse jeito, a acreditar nisso e pegar gosto! Saíram os caras que foram pela moda, mas manteve o pessoal que se apaixonou pelo esporte.

“MUITA COISA FECHOU. SE NÃO TIVESSE ESSA EUFORIA DA MÍDIA (BRAZILIAN STORM), O NEGÓCIO PODERIA TER SIDO MAIS FEIO”



À esquerda, o *shape* é a alma da prancha, por isso Tico trabalha com toda a atenção. Abaixo, as pranchas T. Patterson feitas para o Ítalo Ferreira usar nas etapas do Mundial.

TU - E pode ter sido uma introdução ao surf...

Tico - Sim, muita gente foi do *SUP* para o surf, teve essa galera e quem estava desencantado com o surf, com o *SUP* encontrou outro prazer e voltaram para dentro da água.

TU - Como está a procura de mulheres para as pranchas, aumentou?

Tico - A porcentagem de mulheres é menor em relação aos homens, mas acho que está aumentando. O mercado feminino está aumentando, bastante meninas na água, tem o movimento, acho que está crescendo.

TU - Isso é reflexo da diferença da evolução do surf feminino em relação ao masculino?

Tico - Sim, existe uma distância. Algumas meninas no circuito mundial já estão conseguindo quebrar essa barreira, mas são poucas ainda que já atingem o nível do surf comparado ao masculino. Há um tempo a menina surfava de um jeito diferente, hoje em dia já são mais radicais, fazem manobras aéreas. A ASP esse ano está favorecendo o surf feminino. Antigamente, a hora de colocar as meninas na água no campeonato era sempre quando o mar ficava ruim. Ficava ruim para os homens, colocavam as meninas para surfar. Este ano vi etapas em que o feminino rolou em condições melhores que o masculino. Então, eu acho que estão incentivando, estão olhando mais para o surf feminino.

TU - Em relação a fabricação de pranchas mais ecológicas, qual a preocupação de vocês com o meio ambiente?

Teco - Trabalhamos com prancha de epóxi. O que acontece na fabricação de pranchas: o lixo sempre tem, a sobra. Vai depender do seu descarte. Existem vários projetos de pranchas à base de algas ou com agave, são pranchas para fazer uma pequena produção. Mas por exemplo, na prancha de agave, vou precisar laminar essa prancha e terá sobra de tecido. Precisarei resinar, vai pingar. Não existe prancha ecológica, existem pranchas que agridem menos.

Tico - A prancha de epóxi que fazemos hoje em dia é um bloco de EPS, que é reaproveitável... é o isopor.

Teco - O bloco de isopor vem quadrado hoje. O formato da prancha já começa pela sobra lateral, e quando é usinado na máquina solta muito. Hoje a gente faz o que? Nossas pranchas de epóxi já



têm o tamanho mais perto possível das nossas curvas, para evitar lixo e desperdício. Essa sobra de isopor os caras conseguem triturar e reutilizar. Existe uma firma que coleta o isopor. Ela coleta onde terceirizamos o serviço da máquina computadorizada, nós não temos, por enquanto, então o lixo do pó fica com o cara da máquina que tem o descarte correto. Aqui temos algumas coisas que fazemos para dispensar resina. Mas aí você vai falar "Pô a resina cai. Você faz um remendo, a resina cai e o que você faz?". Algumas coisas. Aqui está uma coisa (Teco demonstra um crânio feito com resina, um material transparente que estava na mesa). Isso é uma coisa. Foram sei lá, quatro ou cinco remendos que fiz, joga a sobra numa forma de silicone. Hoje se tu for comer no mexicano ali no Canal 5, se gostarem da sua cara, vão te dar uma caveira dessas. Eu levo de saco para eles. Tem caras que pintam, dá pra tu dar pra uma criança pintar a caveirinha, entendeu? Existem fôrmas, os bancos de resina. Vou pegar para vocês terem uma ideia (Teco sai da sala e volta com um banco de resina, todo colorido, no formato de um balde).

Tico - A sobra da resina a gente faz o esquema de descartar numa lata, aí joga tudo ali que cai no pote e vai acumulando.

Teco - E não deixa de ser uma arte! Se você leva para São Paulo isso (mostrando o banco), você vende e é de resina. É um banquinho. Isso é um balde de plástico e vamos enchendo, só que é leve, pois as sobras de isopor, os quadrados, eu joga junto, ao invés de ir pro lixo, joga no balde. Temos essa consciência, é um produto que polui. Isso não tem como jogar num saco de lixo e colocar na lixeira. Ficaré pro resto da vida, brother. Tem várias ideias. Tentamos fazer nosso máximo para jogar o mínimo de sujeira.

Tico - Temos uma pista de skate aqui atrás, pista não, um *mini half*, que a base inteira foram dois ou três anos de resina que sobraram. Fomos ensacando, tinha vários, fizemos um *halfzinho*.

Teco - Quem fez o desenho foi o Pingo, irado, da história de skate de Santos. Ele veio aqui, fez o ângulo da pista...

Tico - Falando da prancha em si, hoje em dia a prancha que podemos chamar de mais amigável são as de epóxi, que são as que fazemos. O bloco é de EPS.



Toda a resina que sobra das laminações (foto acima) formam caveirinhas (ao lado) que são distribuídas para um restaurante mexicano daqui de Santos.



Ao lado, todas as pranchas que o Ítalo Ferreira usou. Um banco de dados para ser usado na procura da prancha perfeita. Abaixo, o detalhe de uma das pranchas de Ítalo.



Não trabalhamos com longarina, aquela madeira que vai no meio da prancha, a resina epóxi é a base d'água, não é a base de solvente, não agride tanto como a resina de poliéster e é usada com tinta a base d'água, reduz mais de 60% o impacto.

Teco - Essa resina precisa de precisão e temperatura. São muitos segredos. São anos e anos pra conseguir fazer uma prancha perfeita. Trabalhamos com balança digital, precisamos ter a certa quantidade de resina com a certa quantidade de endurecedor. Se tiver a mais ou a menos, você estraga a prancha então existe uma tabela. Você consegue planejar quanto de resina vai desperdiçar. Por exemplo, antigamente fazíamos uma pranchinha, gastávamos 1,5kg para laminar, hoje gastamos 1kg. Na hora da laminação, quando passamos a resina e espalhamos nas bordas, e quando você vira a borda, você precisa molhar e, quando molha, pinga no chão. A resina é uma fortuna, é uma resina nobre, meio plástica, então estamos desenvolvendo técnicas para diminuir gasto e consequentemente poluindo menos.

TU – Saindo da ecologia e indo para o surf performance. Como surgiu essa parceria com o Ítalo Ferreira?

Tico - O trabalho com o Ítalo começou quando o técnico dele, o Pinga, que tra-

balhava na Oakley e hoje presta assessoria para uma multimarcas, tinha ido num campeonato em Baía Formosa, numa competição que teve e descobriu o Ítalo. Colocou ele na Oakley e logo um ano depois nos procurou para fazer as pranchas dele. Veio com uma proposta de trabalho para o Ítalo e para outros atletas que ele gerenciava. Muitos atletas. Acreditamos no trabalho, decidimos fazer as pranchas. Achamos que era interessante começar a trabalhar com os modelos do Patterson nas pranchas do Ítalo, tendo em vista que ele (Timmy Patterson) já tinha nessa época um nome reconhecido no circuito mundial, então achamos que como o Ítalo era um menino focado na competição, atleta mesmo, achamos legal trabalhar com elas. Fomos fazendo, no começo era difícil, pois ele era novo (14 anos) e não sabia se expressar muito bem o que queria do equipamento. E a gente começou a fazer as pranchas dele às cegas, até que depois de um ano, acertamos as pranchas dele e ele começou a evoluir muito rápido. Ganhou títulos como amador e começou a entrar nos campeonatos profissionais. Com o tempo só foi melhorando a parceria. Ele foi crescendo, fomos desenvolvendo uma amizade, o contato começou a ser a maior, até que ele pro-

fissionalizou. E foi um lance bem rápido, quando começou nos profissionais, no ano seguinte ele já...

Teco - Foi campeão paulista profissional...

Tico - 2015 foi o ano meteórico dele. Quando conseguiu o título de campeão brasileiro profissional, vice-campeão mundial Júnior (que era até 20 anos) e conseguiu a vaga para o circuito mundial 2015.

Teco - Na verdade, a segunda divisão é uma grande batalha. Você tem vários campeonatos, que são divididos por quantidades de pontos. São os eventos *prime*. Eventos que dão mais dinheiro e mais pontos. Só que para você participar desses eventos, você tem que estar entre os 100 primeiros do ranking. Então, por exemplo, se você entrar num ranking da WSL, tem 345 surfistas lutando ali. O Ítalo conseguiu a posição para entrar nesses primes durante os eventos de 2014 e quando correu o primeiro, se deu bem. O segundo, ele arrebentou. No terceiro, conseguiu a vaga. Coisas que atletas que estão há 5 ou 6 anos tentando e não conseguem. Na primeira chance que ele teve, ele conseguiu. Foi um ano meteórico, que

TU ENTREVISTOU

ele foi campeão brasileiro, vice-campeão Júnior. O ano que ele conseguiu espaço pra correr os *primes*, que ele arrebitou e entrou na primeira divisão. É um ano que ficará na memória dele, tanto que o número na camisa dele é 15, que foi o ano em que tudo aconteceu, o primeiro ano dele no circuito mundial e ele vai continuar com esse número por enquanto.

TU – E mesmo na primeira divisão ele foi bem...

Teco - Sim! Foi o *Rookie of The Year*, o melhor estreante do ano. Na história brasileira nunca existiu isso. Na história mundial, o único surfista que foi melhor que ele (num primeiro ano) foi um surfista norte-americano chamado Bobby Martínez. Foi único porque conseguiu ganhar um evento (no ano de estreia) e o Ítalo ficou em segundo em Portugal. Se o Ítalo tivesse vencido em Portugal, seria o melhor rookie da história que a WSL já teve.

TU – E como é ver a prancha que vocês fazem aqui rodando o mundo?

Teco - É um sonho... eu falo pro Tico direto, estamos vivendo um sonho. Quando a gente vem tramar, estamos vivendo um sonho de criança que a gente tinha, de fazer prancha. Ter isso com trinta e poucos anos, ter um atleta no circuito mundial... no Brasil nunca teve isso. Sabemos da importância de ter um atleta para te representar, usar sua prancha, para testar modelo, para poder colocar o modelo no site. Não é só inventar o modelo. Da prancha mais ecológica que estamos fazendo agora, gastamos muito dinheiro para produzir, até chegar no peso certo, na química certa... é um sonho! Vivemos um sonho "com" o Ítalo. É o mais profissional possível. Hoje ele tem a estrutura que é nível mundial. Sou suspeito para falar na questão de durabilidade, mas o Ítalo está há dois anos no circuito e nunca separou uma prancha no meio. Tem técnicas que a gente usa que nenhum ali está usando. Conhecemos as pranchas de todos e algumas técnicas de lamina-

ção que a gente faz se equiparam às dos caras, mas algumas que a gente tem são melhores em algumas ocasiões.

Tico - Ele conta com a nossa estrutura aqui e conta com a do T. Patterson na Califórnia. Ele foi pra Califórnia e levou seis pranchas daqui, chegou lá e pegou mais quatro. Estava com dez pranchas de três shapers diferentes. É o único atleta do mundo que tem três shapers. Ele é um atleta que o *shaper* dele é o mesmo que lixa as pranchas. É raro.

TU – E qual a dificuldade de ter a fábrica, uma empresa brasileira nesse nível mundialmente?

Tico - O material. O material nacional deve muito para o importado. Nossa fábrica teve que se adequar a isso. A qualidade da prancha do Ítalo está relacionada a isso, pois usamos um dos melhores blocos. É o mesmo que o John John (Florence) usa nas dele. Temos o bloco de qualidade, temos o melhor tecido (fibra de vidro), que também é importada. Aqui conseguimos fazer uma prancha de igual para igual com as pranchas gringas. A única diferença é a resina. Não conseguimos usar a resina que trabalham lá fora, por causa dos custos. É muito caro trazer a resina.

Teco - O bloco que nós temos, só duas fábricas no Brasil tem. A gente e o pessoal da Rusty. Como fazemos poucas pranchas, todas são feitas com

“É UM SONHO... ESTAMOS VIVENDO UM SONHO”

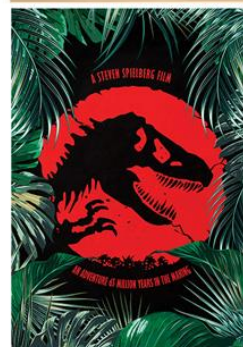
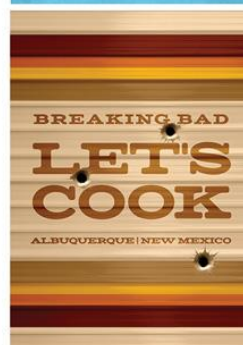
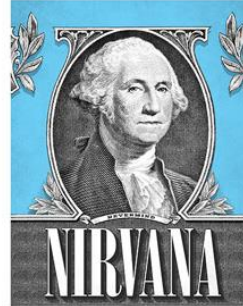
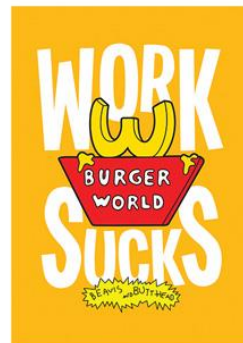
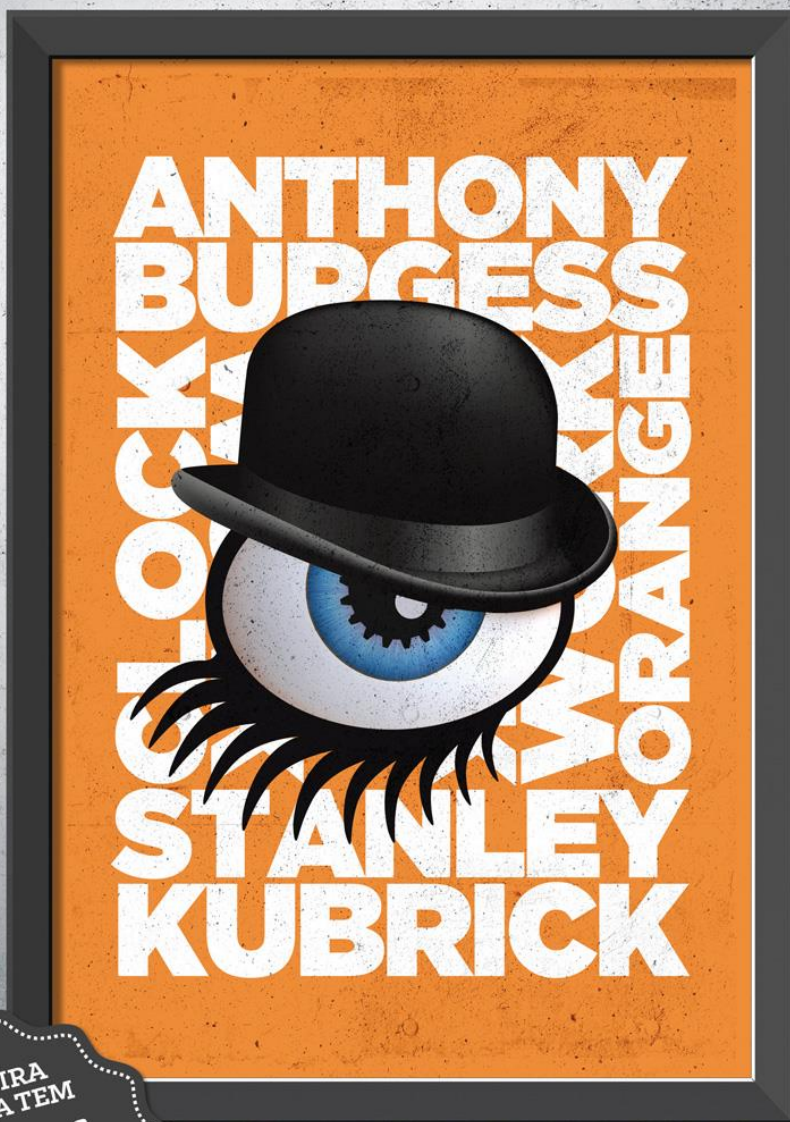
esse bloco. Fazemos uma programação anual. Aqui 100% das pranchas são feitas com este bloco.

Tico - Se você fizer uma prancha com material nacional e comparar com uma prancha feita lá fora, a diferença é bem grande. O material influencia hoje em dia.

TU - E o que vocês diriam para o pessoal que quer começar com esse trabalho de fazer pranchas?

Tico - Tem que acreditar, como qualquer coisa, tem que se esforçar e ver realmente se você tem jeito pra coisa ou não. Levo mais jeito para esta área? Vou trabalhar mais nesse sentido. Hoje em dia o mercado do surf se expandiu. Você não precisa só fazer a mesma coisa. Tem pessoas que são especializadas em pranchas mais *old school*. Um trabalho mais voltado não tanto para a performance. Então, dentro do mercado, existem muitas variáveis, é encontrar o que mais agrada e correr atrás. Hoje o mercado está muito mais aberto pra várias possibilidades. Eu aconselharia a ver o que mais agrada e mandar bala. O mercado está aí para quem trabalha direitinho e trabalha com prazer. Sempre tem espaço. **TU**

Que tal
lá na sua
casa?





MONTE RORAIMA

**VIAGEM
AO MUNDO
PERDIDO**





Um gigante repleto de mistérios. Este é o Monte Roraima. Isolado, imponente e com uma energia que só quem esteve por lá pode dizer como é. Por isso pedimos para nossa amiga Wanessa Caetano contar como foi sua aventura para conquistar o platô gigantesco no Norte do Brasil. E acabamos descobrindo que quem acabou sendo conquistada foi a nossa desbravadora, que viveu uma das aventuras da sua vida no famoso Monte Roraima.



SÓ QUEM VIVEU SABE O QUANTO É MÁGICO AQUELE LUGAR

TRANSFORMANDO UM SONHO EM REALIDADE

O Monte Roraima é uma montanha localizada a América do Sul, na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. Constitui um tepuy, um tipo de monte em formato de mesa.

No entanto, o Monte Roraima é muito mais do que uma simples descrição geográfica, vai muito além, e só quem viveu sabe o quanto é mágico aquele lugar. Esqueça todas as formas de definição, somente os olhos e a alma saberão explicar.

O desejo de conhecer o Monte veio depois de fazer uma viagem ao Jalapão (que fica para outra oportunidade contar como foi essa aventura). Voltamos, eu e meus amigos, Angela, Weslei, Tati e Leo, com a ideia de conhecer todas as chapadas brasileiras. Pensamos em viajar no Carnaval, mas

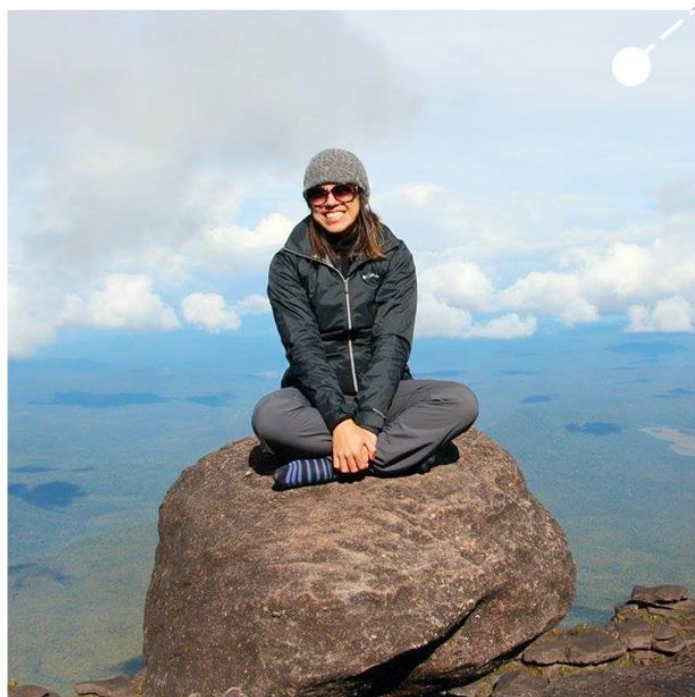
mas eis a questão, só para subir o Monte são necessários 3 dias e 2 para descer, ou seja, o Carnaval estava descartado.

Quanto mais eu lia sobre o Monte, mais eu ficava encantada. E como é dito “quando você deseja algo do fundo do seu coração, o universo conspira para que o seu desejo se realize”, outros amigos, Will e Debby, comentaram que iriam ao Monte e informaram um contato de uma agência. Era o que estava faltando! Bingo!

O primeiro contato foi feito em 15/01/2016, com a agência Roraima Adventures, através de seu representante, o Magno, que me atendeu com todo carinho e paciência. Pronto! A viagem estava marcada, 16/07/2016. Uma viagem que mudaria a minha vida! Foi realmente mágico! Um detalhe, este desafio eu encararia sozinha, meus amigos não puderam me acompanhar, no entanto eu não terminaria a viagem só, traria comigo 13 “doidos”, fora os guias e “carregadores” que ficariam em meu coração e em minhas mais lindas lembranças, pra sempre.



A paisagem quase lunar do Monte Roraima banhado pelo sol que nasce de trás das nuvens. Ao lado, Wanessa, nossa aventureira com a vista do Brasil lá embaixo.





A AVENTURA COMEÇA

A travessia, trekking, caminhada ou perrengue levaria 10 dias. Começando em Boa Vista no dia 16/07, de onde seguimos de transporte contratado pela agência, até Santa Elena, localizada na Venezuela. Como poderia esquecer de mencionar, o acesso mais “fácil” é pelo lado venezuelano da montanha, pelo Parque Nacional Canaima.

No dia seguinte chegaríamos à Comunidade Indígena Paraitepuy, onde de fato começaríamos o trekking. Foram 16 km no primeiro dia, logo de cara o momento de enfrentar um subidão, só para testar a resistência e o psicológico, e lá fomos nós. Atravessando dois rios, o Rio Tek e o Kukenan, sem contar os quase 13 quilos que carregava em minha mochila, entre roupas, saco de dormir, colchonete, isolante térmico...resumindo, teve certo momento na trilha que cheguei a parecer um “varal” ambulante.



No topo, um dos carregadores, que chegam a levar 45 quilos, verdadeiros guerreiros. Acima, guias e viajantes na comunidade indígena Paraitepuy. Ao lado, o Rio Tek, no caminho do Monte.

O momento desafiador foi a contemplação do Monte Kukenan e do Monte Roraima, imponentes a nossa frente, foi o segundo dia do trekking. Não imaginávamos o que viria pela frente, a única sensação era de desapego total do que ficara para trás, e um misto de adrenalina, de emoção, cansaço e alegria por poder chegar cada minuto mais próximo da base do Monte. Foram 7 km mágicos. Onde determinado momento, pensei que não conseguiria concluir, devido ao percurso ser de 70% de subida.

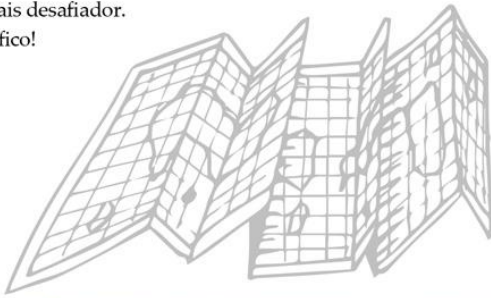


O TOPO SE CONQUISTA COM CORAGEM

Para alcançar o topo é preciso coragem! É preciso estar disposto para vencer o desafio! E foi exatamente assim, no dia anterior, estava chovendo, e confesso que ao examinar a subida que encaramos, e o Passo das Lágrimas, uma cachoeira que fica um pouco antes do portal de entrada/saída do Monte, senti um pouco de receio, mas eu estava ali para encarar qualquer situação, de coração aberto. Lembro-me que um dos guias, o Humberto, conversou comigo de uma forma tão leve e segura, que pensei assim: “eu vou conseguir”.



Acima e ao lado, a base do Monte Roraima. A névoa, que traz mistérios, só deixava o ainda mais desafiador. E magnífico!



O inspirador Passo das Lágrimas.

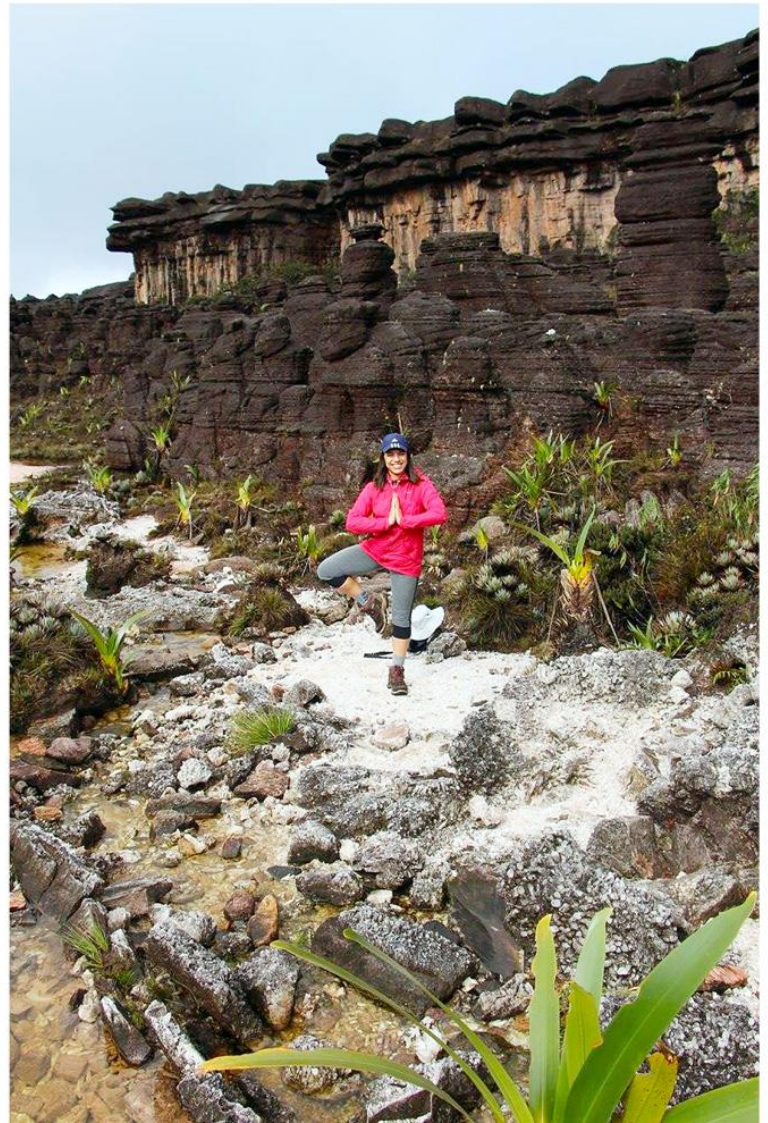
A subida é intensa, e feita com algumas paradas ao longo da trilha, o terceiro dia. São 4,5 km, de pura transpiração e inspiração, a trilha é linda, o clima de selva é úmido e um nevoeiro se torna companheiro da viagem. E eis que o momento mais marcante acontece: passar pelo Passo das Lágrimas. Uma das sensações mais fantásticas que já senti na minha vida foi caminhar por baixo do Passo das Lágrimas, deixei-me ser levada por aquele momento, preferi não usar a capa de chuva, porque realmente desejava sentir toda a energia daquele instante. Minha vontade era gritar bem alto e agradecer a Deus por estar vivendo tudo aquilo, mas o fiz em uma prece. Os indígenas consideram o Monte Roraima um local sagrado, portanto, quanto menos barulho, melhor.

Quando as nuvens davam uma trégua, a vista era de tirar o fôlego. Abaixo, o Vale dos Cristais e um minúsculo sapo, que só é encontrado por lá.

MINHA VONTADE ERA GRITAR BEM ALTO E AGRADECER A DEUS

NO TOPO DO MUNDO

O topo foi atingido. Realmente o Monte Roraima tem algo surreal, é como se você estivesse em outro planeta, dentro do planeta Terra. As nuvens fazem uma espécie de dança lá em cima. Num momento você consegue contemplar toda a Gran Sabana, inclusive toda a trilha que foi feita para chegar até a base do Monte, e no outro momento, forma-se uma névoa que não é possível enxergar mais nada, somente sentir a energia daquele lugar.





Ao atravessar o Monte Roraima do lado venezuelano até o lado brasileiro, passa-se pelo ponto Triplo (nunca foi tão rápido visitar 3 países) Guiana, Venezuela e Brasil. Contemplamos paisagens maravilhosas, uma vegetação rasteira incrível, flores exóticas, formações rochosas e as pedras que brincam conosco. Você consegue perceber desde o formato de um elefante, jacarés, até o famoso Maverick. A Pedra Maverick é o ponto mais alto do Monte Roraima, com 2.875 metros. No Monte, quanto mais se anda, mais se tem para descobrir.

Acima e ao lado, as formações rochosas que ganham forma de coisas e criaturas, confundindo os viajantes. Abaixo, a vista da “janela” do acampamento Coati e a beleza da flora do Monte.



Há as Banheiras Jacuzzi, piscinas naturais onde se pode tomar banho, mas é preciso coragem e disposição, pois o frio lá em cima é congelante! Mas vale lembrar que o banho é restaurador.

O acampamento mais inspirador foi o que fica do lado brasileiro, chamado Hotel Coati. O Coati é um lugar enigmático, localizado entre duas pedras enormes, onde há uma entrada como se fosse uma caverna. Há uma espécie de jardim: uma pequena lagoa no centro, rodeado de plantas. Verdadeiramente um pequeno paraíso entre as rochas.

Contemplei um nascer do sol encantador, incrível, diferente, cheio de muita energia e emoção. Como dizem, a montanha parece estar viva e desperta em nós sensações adormecidas, eleva a alma ao Ser Supremo. Você deseja que aquele momento nunca passe, você deseja do fundo do coração que o tempo pare para que você possa viver intensamente a sensação de entrega.

É natural você repensar toda a sua vida, notar quão frágil você é, e ao mesmo tempo quanto ainda você tem a superar, é entender que para ser feliz é preciso tão pouco...

O céu mais estrelado de toda a minha vida foi visto lá de cima, e a sensação? Foi única! Estrelas cadentes e os desejos e pedidos mais profundos do coração foram silenciados frente aquele show da natureza. Inspirador!

DESAFIO SUPERADO, ALMA RENOVADA

Cinco noites no topo! Foram dias maravilhosos, encantadores, restauradores, e eu acrescentaria mais: decisivos. E tudo isso ao lado de pessoas incríveis. Não queria mais voltar! Mas aos poucos o Monte foi ficando para trás, mas o que foi vivido lá, nunca deixado.

O nascer do sol, visto de cima do Monte Roraima, é sem comparação. Abaixo, a turma de desbravadores na tríplice divida de Brasil, Venezuela e Guiana. No detalhe, os guias, mas também pode chamar de anjos da guarda.



Ao longo da caminhada tiveram perrengues; muito frio, dificuldades para tomar banho, bolhas nos pés, medo para enfrentar determinado trecho da trilha, dores nos joelhos, pés trincados, aquela expectativa de como seria o dia seguinte... No entanto, cada desafio foi superado, foi ultrapassado, foi vencido, para se viver algo único, algo indescritível, algo que só pode ser sentido por aqueles que arriscam, que aceitam o desafio de viver uma vida extraordinária!



Agradecimentos aos Guias: Francisco Diniz - Chicão, Humberto, Yirso Leiva, Carlos Lagonel, que tiveram uma paciência extraordinária, "anjos" do Monte Roraima. Aos Carregadores Feryan Ojeda e Allyxson, queridos demais! A equipe da cozinha, que nos atendeu com todo carinho, Luiz Silverio Lessama, Chacon Lessama, Richard Ayuso e Omar. E aos 13 "doidos" que aceitaram o desafio e fizeram a viagem valer a pena: Mel, docinho de pessoa. Ritinha, especial demais. Silvio e Vinicius, palavrão pouco é bobagem. César, desejo de continuar apesar do pé trincado, guerreiro. Caio, um carinho enorme com o pai. Celio, centrado. Andreia, superação. Fabíola, energia. Leandro, um irmão. Denise, força. Claudinha e Fabiano, casal top das galáxias. **TU**

matéria
 \ wanessa caetano
 fotos
 \ leandro paviote
 \ wanessa caetano
 contatos
 \ roraima-brasil.com.br
 \ makunaima.com



LIBERDADE
NÃO SE
COMPRA.
CONQUISTA!

Seu site especializado
em peças e acessórios para
o mercado de motocicletas
custom premium.

 | Super Custom

supercustom.com.br

ALINE GOMES

fotos
\fernando de santis
assistente
\fabio chinaglia





**COM UMA
GATA COMO
ALINE, ATÉ O
CARA MAIS
VALENTE VIRA
UM BICHINHO
DE ESTIMAÇÃO**





Ela atendeu a porta com um grande sorriso e logo me ofereceu cerveja. Não aceitei, estava trabalhando, mas gostei da atitude. Aline Gomes nasceu e cresceu em Santos e, nos últimos anos, experimentou morar no Rio de Janeiro. Agora está há algum tempo em São Paulo, na Zona Sul. Não mora sozinha, mora com o seu filho chamado John. Um lindo filhote de gato siamês. Bem tímido, é verdade, mas aos poucos foi

ganhando confiança, foi se aproximando e até apareceu em algumas fotos. Fazia pose e desfilava. O apartamento é mais dele do que dela. Brinquedos para ele brincar, poste de corda para ele afiar, embora ele goste mesmo de deixar as unhas prontas no sofá.

“Tu quer que eu fique aqui?”, “Tu acha que a luz aqui é melhor?” mostrando o local para a foto. Aline deixou Santos,

mas Santos não a deixou, faz as frases com “TU”, no bom e velho jeito santista. Estudou jornalismo, trabalhou com jornalismo mas é na dança e na arte onde ela se encontra. O ballet é uma paixão, tem aquela postura impecável e um olhar sereno. Um olhar que carrega o sonho de constituir uma família, de se encontrar no mundo das artes e viajar, conhecer lugares novos... provavelmente Paris. Aline é um novo dia que nasce.

TU É GATA







TU É GATA

**HOJE. ALINE MORA
EM SÃO PAULO, MAS
SANTOS QUE É O
SEU HABITAT
NATURAL**



TU É GATA





TU É GATA



**QUEM TEM
CORAGEM DE
TENTAR
DOMESTICAR
ESTA GATA?**





TU TEM O QUE FALAR

VILA BELMIRO

100 ANOS



Fora de dias de jogo, a Vila Belmiro é um lugar tranquilo. Mas quando a bola rola, ela vira um verdadeiro inferno para os adversários.

No distante 12 de outubro de 1916 foi inaugurado, em Santos, o estádio particular do Santos Futebol Clube, a Vila Belmiro, que herdou esse nome popular do bairro onde foi construída. Somente no ano de 1933 recebeu o nome de Urbano Caldeira, para homenagear o ex-jogador e ex-dirigente do clube. Cem anos se passaram e a Vila continua lá. Transformada, é verdade, cresceu, chegou a receber jogos com 32 mil espectadores e hoje comporta praticamente a metade disso, graças às cadeiras e camarotes colocados ao longo do tempo. É um estádio que vai na contramão da tendência do futebol que, após a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, fez com que diversas arenas surgissem e outros estádios antigos se transformarem em estádios modernos, multi-uso, seguindo o futebol europeu.



Mas para falar da Vila temos que falar dos craques que pisaram no sagrado gramado, nomes como Patusca, Pagão, Pepe, Pelé, Coutinho, Carlos Alberto, Edu, Clodoaldo, Pita, Juari, Serginho Chulapa, Rodolfo Rodriguez, Guga, Paulinho McLaren, Giovanni, Renatinho, Robinho, Neymar e tantos outros craques. Além de, é claro, jogadores rivais que protagonizaram partidas históricas no Alçapão.

Para falar da importância do estádio, temos que falar do clima ao redor, das casas antigas, dos pequenos prédios, das famílias que ficam nas janelas das casas ou nas calçadas, antes e depois dos jogos, para observarem os torcedores

desfile. Temos que falar dos tradicionais bares. O Bar do João com seus salgados deliciosos e cerveja sempre trincada de gelada, o Bar das Sociais, ali em frente ao Portão 17, com a cerveja de 600ml no copão de plástico para poder tomar na rua, a Confraria do Alemão e sua famosa tatuagem do escudo do Santos na testa, além dos sanduíches de pernil no Canal 2 em frente ao portão principal ou os que ficam ao redor da sede da Torcida Jovem.

Temos que falar dos torcedores que assistiram todas essas transformações do futebol e da Vila. Torcedores que frequentam o estádio há mais de 50, 60 anos. Que sentam no mesmo lugar, que

**TELÊ SANTANA
COSTUMAVA
DIZER QUE ERA
UM MARTÍRIO
PARA OS SEUS
TIMES DESCEREM
A SERRA**

A VILA BELMIRO COM 20 MIL SUFOCA MAIS QUE O MARACANÃ COM 80 MIL

JUNINHO PAULISTA - JOGADOR

conhecem os torcedores que sentam ao lado pelo nome, que viraram amigos, familiares, criaram vínculos fora do estádio, por causa da Vila Belmiro e do Santos Futebol Clube.

É claro que temos que falar do fator campo. Telê Santana costumava dizer que era um martírio para os seus times descerem a Serra. Muitos jogadores falaram sobre o quanto é desagradável jogar no acanhado estádio do Santos. "A Vila Belmiro com 20 mil sufoca mais que o Maracanã com 80 mil, parece que os torcedores estão gritando do nosso lado", disse Juninho Paulista. "Parece" não, estavam gritando ao seu lado, Juninho! A Vila tem essa proximidade

Acima, o gramado que já recebeu nada mais nada menos que o Rei Pelé, além de muitos outros creques. Ao lado, os torcedores assistindo o jogo em pé e colocando pressão nos adversários.



JOGAR AQUI, NA VILA BELMIRO, É COMO JOGAR NO INFERNO

CABRERA - JOGADOR



do torcedor ao gramado. Foi a época em que os chinelos havaianas cantavam no estádio e, agora, é só na pressão, nos gritos e xingamentos. Mas a pressão existe, lembro-me dos jogadores do Cucuta (Colômbia) assustados durante uma partida válida pela Libertadores de 2008, os sinalizadores, a fumaça, a torcida pendurada nos alambrados que ainda existiam. “Jogar aqui, na Vila Belmiro, é como jogar no inferno”, sentenciou Cabrera.

Enquanto a Vila mais famosa do mundo completa 100 anos, a atual diretoria apresenta e discute o projeto de um novo estádio para o Santos Futebol Clube, a ser construído ao lado do campo da Portuguesa Santista, o Ulrico Mursa. Não entrarei no mérito se o Santos precisa de um novo estádio, se só a Vila Belmiro atende ou se o Pacaembu, aliado à Vila seriam uma boa para o clube da Baixada. O que é importante salientar é que a Vila Belmiro é um dos últimos suspiros do futebol romântico contra o futebol



texto e fotos
\ fernando de santis

No topo, Sangue Jovem chegando para o jogo contra o América do México, pela Libertadores de 2011. Acima, jogo contra o Cúcuta, pela Libertadores de 2008. “É como jogar no inferno”, disse Cabrera. À direita, a Vila Belmiro ainda sem os camarotes no térreo. A pressão era muito maior.

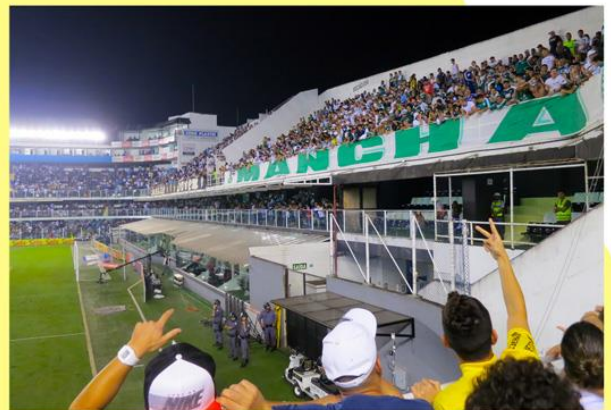
moderno. É do torcedor descalço, sem camisa, que gosta de pagar pouco no ingresso e não comemora renda, não é do torcedor do selfie, do que fica olhando no telão para dar "tchau". É dos poucos estádios que servem cerveja com álcool, do torcedor que não liga de sentar no cimento e gosta de assistir aos jogos em pé (com exceção do pessoal que fica gritando "sentaaaa!", no Portão 1 e 2).

E o que a Vila Belmiro de hoje tem de diferente da Vila de tempos passados? João Henriques, torcedor fanático, vai à Vila Belmiro há mais de 40 anos de forma assídua e conta saudosamente. "A primeira partida que fui, foi em 1972, com o meu primo." Lembra ele. "Acho que foi contra o Saad. Vi jogadores como Pelé, Edu, só craque... sinto saudades daquela época. A torcida podia entrar com bandeira, papel picado, rolos de papel higiênico para jogar no gramado. Era um Carnaval, era uma festa. Uma coisa bonita de se ver. Não tinha muita briga, era mais família!". Eu, que escrevo esse texto, frequento a Vila há 20 anos, quando me mudei para a cidade de Santos e noto muitas diferenças em tão pouco tempo. Sinto falta dos alambrados. A sensação de proximidade que as grades davam ao

A PRIMEIRA PARTIDA QUE FUI, FOI EM 1972 ...ERA UM CARNAVAL, ERA UMA FESTA

JOÃO HENRIQUES - TORCEDOR

A Vila recebe todo tipo de torcedor. No alto, a Polícia Militar revista a bateria da Torcida Jovem. No centro, o Portão 17 sempre provocando os torcedores adversários. Abaixo, os bares ao redor da Vila servem para acompanhar os outros jogos.



gramado era impressionante! Ficar pendurado para comemorar um gol ou apavorar um jogador adversário que fosse bater escanteio. Eu gostava da Vila com mais espaço, qualquer clássico dava pelo menos 20 mil torcedores, com as pessoas amontoadas nas escadas e corredores. Há pouco tempo ainda conseguia sair da Vila, no intervalo, para tomar uma cerveja nos bares da rua e voltar para o segundo tempo. Claro que a Vila Belmiro atual tem suas vantagens também. E mais confortável, tem lanchonetes, banheiros limpos, proteção transparente ao invés de grade, ajudando a visão ao gramado, mas para os mais

saudosistas, a Vila sempre foi charmosa.

Se o Santos terá um novo estádio moderno ou não, não interessa agora. Interessa que a Vila completa 100 anos em outubro de 2016 e é um patrimônio da cidade, do Brasil e do futebol mundial. É um tapa na cara do futebol coxinha que vem assolando o futebol moderno. Enquanto houver estádios como a Vila Belmiro, La Bombonera ou o Estádio Centenário, em Montevidéu, o futebol verdadeiro respirará, com ajuda de aparelhos, mas respirará. **TU**

TU BEBEU

O PERFUME DA PRIMAVERA ESTÁ NO AR E NAS CERVEJAS TAMBÉM

A chegada da primavera nos traz aromas, cores e sabores bastante intensos. E não é só na estação que encontramos essas características: a indústria da cerveja artesanal está em busca contínua por novos sabores, estimulando cada vez mais criações e inovações.

Dentro desse conceito, chega ao Brasil a nova onda de cervejas do estilo IPA (India Pale Ale), turvas e mais aromáticas, utilizando muitas vezes frutas ou sucos para chegar ao topo da percepção sensorial.



Regina Santucci e Thays Cardozo são apaixonadas por cerveja e Beer Sommeliers formadas no Curso de Sommelieria e Educação Cervejeira do Instituto da Cerveja.

Através do uso de algumas variedades de lúpulos, de regiões como Nova Zelândia e Austrália, a exemplo das espécies Galaxy e Nelson Sauvin, além dos americanos, como Azacca, Equinox e El Dorado, tem sido possível chegar a resultados bastante positivos e atraentes para o consumidor.

Todos esses atributos fazem parte do perfil das cervejas chamadas de New England ou Vermont, fazendo referência à região onde foi criada e consolidada a produção, englobando os estados de Connecticut, Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island, Vermont e Maine.

Também são conhecidas como Juicy IPA por conta de sua aparência, lembrando realmente um “suco de cevada”: apresentam turbidez, corpo médio/alto, formação e estabilidade de espuma entre média e baixa, e, principalmente, intenso aroma frutado proveniente dos lúpulos utilizados.

O sabor é condizente com o aroma, seguido de amargor médio e final seco, tendo variações dependendo da cervejaria. Um belo exemplo desse estilo é a Overdrive, lançada pela Cervejaria carioca Hocus Poccus. Foi a primeira cervejaria a lançar uma New England no Brasil.


textos
| regina santucci
| thays cardozo

foto
| thiago souto

INVICTA DÁ UM SOCO DE LÚPULO NA CARA DO CÂNCER DE MAMA

Como cervejeiras e, principalmente como mulheres, gostaríamos de compartilhar com vocês essa novidade.

A Cervejaria Invicta lançou o rótulo em versão feminina da tradicional 1000 IBU, carro-chefe da cervejaria, uma Imperial India Pale Ale que, através de sua potência, representa a força da mulher. O intuito é alertar para a conscientização e divulgação da importância da prevenção do câncer de mama, o mais comum entre as mulheres. Segundo dados de estimativa do Instituto Nacional do Câncer, em 2016 teremos 57.960 novos casos da doença. Por isso, mais do que nunca, devemos literalmente nos tocar!

A cerveja, de edição limitada, terá parte do lucro destinado ao Hospital do Câncer de Ribeirão Preto. 



TU COMEU

A NOVA ONDA QUE VEM DO HAVAÍ

VIDA BOA POKE & CIA



Temaki já teve a sua vez no topo. Recentemente, foi o hambúrguer que dominou o paladar da galera. Agora, uma nova onda vem ganhando força no cardápio do pessoal. É o poke. Relaxa, que não tem nada a ver com pegar bichinho virtual com o smartphone. Estamos falando do poke havaiano, um prato típico da ilha do Pacífico, que é a nova febre do momento.

E Santos ganhou uma casa voltada exclusivamente a este estilo de prato. É o Vida Boa Poke & Cia. Lá eles servem uma variedade do prato havaiano. A base é a mesma. Servido em um bowl, nele vai gohan (arroz oriental), molho havaiano, gergelim, nori, sunomono, cebola roxa e cebolinha. Daí você pode escolher entre várias opções de frutos do mar (salmão, salmão grelhado, atum, atum grelhado e

camarão). Lembra um pouco um temaki, mas vem num pote e é um pouco mais bem servido. Não gosta de peixe? Lá tem a opção de frango grelhado. Não come carne? Tem shimeji e uma opção vegana também. Sem contar que também há a opção de tirar o arroz da equação, para quem está focado no treino e quer passar longe dos carboidratos.

Nós experimentamos o Poke Spicy de Atum e levamos um delicioso punch picante do gengibre e do blend de sriracha. Quem gosta de um prato que deixa aquele ardido na boca vai adorar. Combinou muito bem com uma cervejinha que, aliás, veio trincando. Também pedimos um Poke Tropical de Salmão. Uma boa pedida para os dias mais quentes, graças ao frescor das frutas. Deixe o preconceito de lado e veja que salmão cru combina com

muito morango, manga e kiwi. Uma delícia!

Falando em fruta, para finalizar pedimos a novidade da casa, o Açai Kilauea. É um açai servido no formato de um vulcão em cima de uma tortinha de aveia com flocos de milho e uma cama de frutas. Uma erupção de sabor (perdoem o trocadilho)!

Se estiver de bobeira pelo Gonzaga, vale a pedida para experimentar essa nova onda. Vai pegar!



O Poke Tropical de Salmão esbanja frescor. Acima, a novidade Açai Kilauea. Ao lado, o picante Poke Spicy de Atum, a companhia perfeita de uma cerveja trincando.



Vida Boa Poke & Cia
Av. Euclides da Cunha 63 / 139
Gonzaga - Santos/SP
Tel. (13) 3321-5743
facebook.com/vidaboapokecia

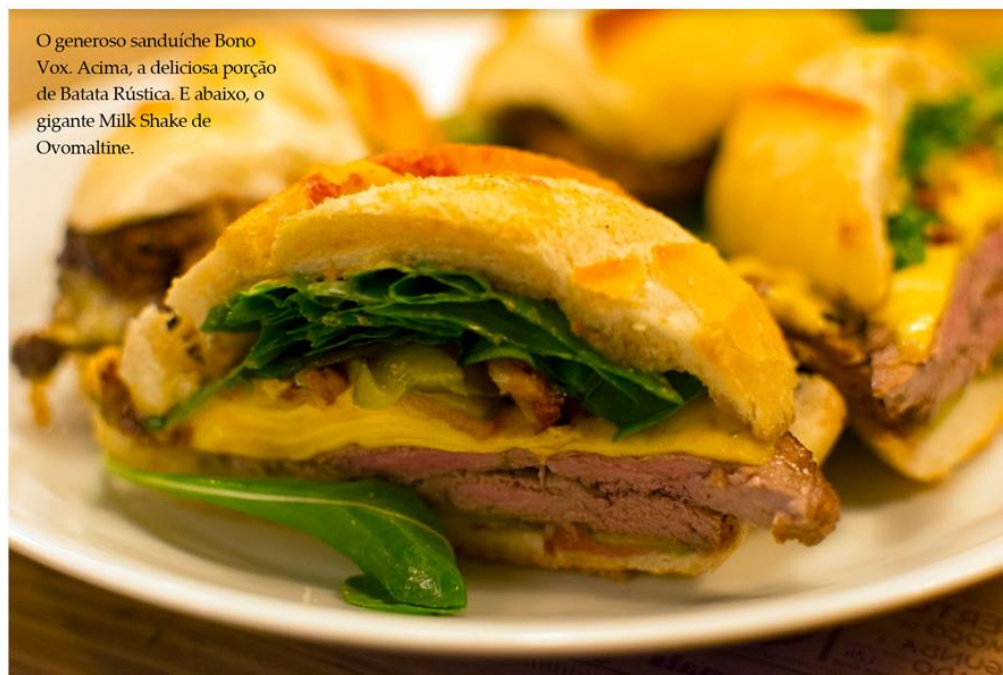
MR. MILLS

Mr. Mills é uma lanchonete tradicional da Capital. Há 18 anos servindo hambúrgueres deliciosos no bairro do Paraíso, recentemente abriu sua 2ª unidade no bairro da Vila Mariana, pertinho do metrô Santa Cruz. Pra quem vem da Baixada Santista fica fácil, pois é próximo ao Jabaquara. A nova unidade não é tão grande, então se você quer sentar naquelas mesas com sofazinhos mais aconchegantes, chegue cedo ou conte com a sorte para pegá-las.

O forte deles são os tradicionais hambúrgueres. O cardápio conta com uma coleção de tipos, sabores e ingredientes. De entrada pedimos uma porção grande de Batata Rústica temperada com ervas, acompanhada da maionese caseira. Pedimos a grande. Confesso que sentimos que a degustação dos sanduíches poderia ser comprometida com a quantidade de batatas, crocantes por fora, macias por dentro, cobertas de alho e bem quentinhas. Após forrar o estômago com batatas, partimos para os lanches, afinal, fomos lá para isso. Estávamos em três, resolvemos pedir três tipos diferentes de lanches, para conhecermos melhor.

Primeiro foi o “Cheese Especial Vegetariano”, hambúrguer feito de banana verde com proteína de soja, queijo prato, rúcula, molho tártaro, tomate, pepino e gengibre. E bota gengibre nisso! “Ah, mas hambúrguer de banana deve ser doce!” – nada disso, é macio, salgado, como um hambúrguer deve ser, e delicioso, além da combinação certa com rúcula e o já citado gengibre. Se um escolheu o vegetariano, outro escolheu o outro extremo e partiu para o “Boss”, hambúrguer de picanha, cheddar, cebola com shoyo, alface, molho e bacon. E bota bacon nisso! Esse é o sanduíche “imbecil”. Tudo que seu nutricionista, médico e namorada falam para não comer está entre os dois pedaços de pão. Mas é uma delícia,

vale o crime! Coma com cerveja ou refrigerante, pois dá sede! A terceira opção de lanche foi o Bono Vox. Pois é, além de ser vocalista do U2, Bono é o nome de um sanduíche de filet mignon, queijo prato, bacon, rúcula, molho tártaro e pepino, servidos no pão francês. Mas aí que vem o detalhe: servem praticamente dois Bonos Voxes (esse é o plural?), pois são 4 metades desse sanduíche delicioso. Dá para dividir tranquilamente em duas pessoas.



O generoso sanduíche Bono Vox. Acima, a deliciosa porção de Batata Rústica. E abaixo, o gigante Milk Shake de Ovomaltine.

18 ANOS DE TRADIÇÃO HAMBÚRGUEIRA



Para fechar, aproveitamos a moda da discussão de quem faz o melhor Milk Shake de Ovomaltine e escolhemos um grande. Mais uma vez, de tamanho realmente grande! Duas taças que valem como uma refeição, sem miséria e não deixam nada a desejar.

Se você procura uma lanchonete tradicional em São Paulo para encher a barriga depois de uma festa, Mr. Mills é uma boa pedida, ficam abertos até as 4h da manhã aos finais de semana. Em tempos de crise, onde os produtos diminuem de tamanho e os preços aumentam, Mr. Mills serve pratos grandes e justos.

Mr. Mill
Rua Domingos de Morais, 2.987
Vila Mariana - São Paulo / SP
Tel. (11) 2615-4271
mrmills.com.br

texto e fotos
\fernando de santis
\thiago soutu

O ROCK NÃO ENVELHECE. ENLOUQUECE!

Dois ícones do rock mundial e um clássico nacional vão provar que você não está louco por gostar de rock. Mas vai ficar!



WORLD GONE MAD

SUICIDAL TENDENCIES



Depois do ótimo disco *13* (2013) os californianos do Suicidal Tendencies finalmente lançaram seu novo álbum, intitulado *World Gone Mad*. O quinteto sofreu algumas modificações em seu line up: Jeff Pogan assumiu umas das guitarras e, na bateria, Dave Lombardo (sim, o ex-Slayer) assumiu as baquetas.

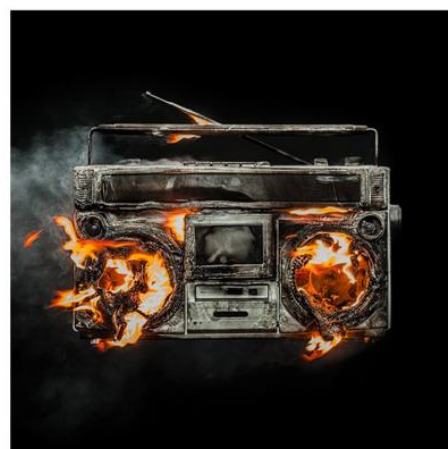
No mundo do rock existem bandas que não mudam a sua fórmula, um exemplo é o AC/DC, outro pode ser o ST. Se você é fã e não ouviu o disco, já aviso desde já que você vai curtir. Baixo funkeado com slaps acelerados, riffs thrash metal viscerais com solos recheados de “wha”, Dave Lombardo na bateria (não preciso falar mais nada) e Mike Muir cantando muito, como sempre. O single *Clap Like Ozzy*, que já estava tocando pela internet, abre o disco, com um refrão maluco “Clap Like Ozzy... Slam Like a Beast!” e uma linha de

baixo hipnotizante. Vale lembrar que existe uma conexão entre Ozzy e ST, Robert Trujillo, ex-baixista, tocou com o Ozzy alguns anos antes de ir para o Metallica. E o disco passeia por músicas mais cadenciadas como a *The New Generation* e a faixa título, *World Gone Mad*. *Living For Life* começa com a falsa impressão de composição mais suave, apenas ilusão, o pau quebra com uma atuação incrível de Lombardo, parece uma máquina com viradas que mais parecem solos de bateria.

One Finger Salute destaca-se pela melodia caprichada, guitarra acompanhando a linha vocal com menos peso e um solo melódico, desses de você até consegue cantar algumas “frases”, dá até para imaginar essa música ao vivo, com o público fazendo a saudação de um dedo. *Damage Control* é outra faixa que, de repente, muda completamente sua cadência, ganha peso lá pelo um minuto e meio, que é anunciado por um baixo martelando até o fim. “Still Dying to Live” (que pode ser STill, com ST maiúsculo) é a penúltima balada do álbum, pelo menos se comporta assim até 3/4 de seu tempo, enquanto “This World” é toda executada por violão e camadas de vozes, é a faixa que mais destoa deste trabalho.

Suicidal Tendencies continua seguindo firme seu caminho, levantando a bandeira do seu *Thrash Metal* mais alternativo, diferente dos seus vizinhos da Califórnia, porém sempre com muito peso e originalidade. Agora com Dave Lombardo na bateria ganham força extra para seguir fazendo discos como nos anos 80 e 90. *World Gone Mad* mostra que os rapazes de Venice Beach não estão nem perto de

pendurar as chuteiras e continuarão mostrando para a nova geração como é que se faz som pesado e de qualidade. Recomendado!



REVOLUTION RADIO

GREEN DAY



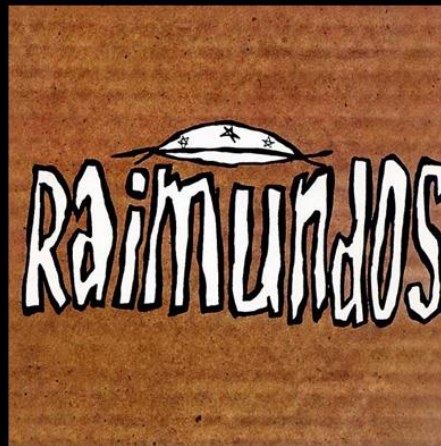
Green Day sempre andou em uma corda bamba, se equilibrando entre o punk e o pop. Por isso, muita gente estranhou quando Billie Joe Armstrong soltou um tweet falando que sua missão em 2016 seria acabar com o termo *Pop-Punk* de vez. Talvez ele estivesse de saco cheio de ouvir a galera falar mal da trilogia sem sentido ;UNO!; ;DOS!; ;TRÉ! ou tenha assumido a cagada que fez ao lançar os três álbuns. Quem vai saber? Talvez *Revolution Radio* seja a tirada para Billie, Mike Dimt e Tré Cool voltarem aos trilhos.

A primeira impressão que temos ao ouvir o álbum é de que Billie Joe exagerou um pouco. Se a maioria das letras são punk até

o carço, jogando cara verdades de um mundo zuado e do vocalista que passou por maus bocados, tendo que fazer *rehab* por causa de problemas com bebida, a sonoridade ainda tem bastante do punk com pegada mais pop que definiu a carreira da banda. E isso não é ruim, não! Só mostra uma banda que amadureceu emocional e musicalmente.

Somewhere Now abre com a frase “eu estou atrasado para algum lugar, que eu não quero estar”, em uma toada acústica, que ganha potência. É uma crítica ao modo como levamos a vida. Na sequência, *Bang Bang* surge rápida como rajadas de metralhadora disparadas pelo atirador no meio da multidão que a letra retrata. A música que dá nome ao álbum, *Revolution Radio*, mantém a alta velocidade e retrata o sentimento de revolta que tomou os EUA, com o caso da morte de um jovem negro por policiais. *Say Goodbye* segue na mesma linha de crítica à sociedade. Uma obceção por justiça que vem desde *American Idiot*. O ritmo dá uma caída com *Outlaws*, nostálgica e melancólica, lembrando da infância do trio, mas volta a ganhar velocidade com a divertida *Bouncing Off the Wall*. Já *Still Breathing* é uma baladinha bem emo, nada a ver com que disse que iria matar o punk-pop. E seguindo também a linha mais pop, vem *Youngblood*, uma homenagem de Billie Joe à sua esposa. Dando um chega pra lá no pop, *Too Dumb to Die* caberia muito bem em *Dookie*. *Troubled Times* é uma crítica aos rumos que o mundo vem seguindo. Tump Times? “Meu nome é Billie e eu estou enlouquecendo”, assim começa a longa (quase 7 minutos) *Forever Now*, que inclui até uma reprise da primeira música do álbum. E para finalizar uma baladinha acústica, *Ordinary World*. A música foi escrita para o filme do vocalista que tem o mesmo nome. Ele achou que ela ficou tão boa, que resolveu colocar no álbum.

Punk? Pop? Pop-punk? Sinceramente, não dá para rotular uma banda como Green Day. Os caras estão na estrada há quase 30 anos, lançando sucessos um atrás do outro e fazendo um som totalmente autoral, com um estilo que só Green Day tem. Tem coisa mais *punk* do que dar um belo “foda-se” para qual estilo você é?



CLÁSSICO DA TU RAIMUNDOS

RAIMUNDOS

LANÇAMENTO | ANO 1994

“Na-na- na o diabo!”, assim começava o disco autointitulado dos Raimundos. E foi assim que eles surgiram em meados de 1994, na programação da MTV (que era referência musical na época). Uma banda de rock com postura de Hard Core, tocando uma música com menos de dois minutos de duração, mas que logo apareceu no Disk MTV: *Nega Jurema*. Pegada *punk* a la Ramones e letra despejada nos ouvidos, Rodolfo cantava como um locutor de futebol de rádio e, para entender o que dizia, só com o encarte nas mãos. Mas foi com *Puteiro em João Pessoa* que eles estouraram de vez. O que pegou no gosto da molecada foi a irreverência, uma letra contando a história da primeira vez de um rapaz no Nordeste, num puteiro fuleiro, mas contada com um riff genial e um refrão divertidíssimo. Todo mundo queria saber quem eram esses caras de João Pessoa...

Mas os Raimundos não eram da Paraíba ou lugar algum do Nordeste, vieram de um dos grandes berços do rock nacional: Brasília. Lançado pelo selo *Banguela*, que pertencia ao hilário Carlos Miranda e aos Titãs, os Raimundos vieram numa leva junto com Mundo Livre S.A. e Maskavo Roots. E explodiram! Em poucos meses fechavam a tarde do festival Monsters Of Rock, no Pacaembu, em um dia que abriram para Suicidal Tendencies, Black Sabbath, Slayer e Kiss. Mas o que fazia eles serem tão legais? A simplicidade. Eram então quatro músicos limitados, que ainda contavam com a ajuda de um músico chamado Zenilton, que aparecia em algumas composições, mas acima de tudo era a grande inspiração do

quarteto. A cultura do Nordeste brasileiro estava enraizada nas referências, gritantes como em *Marujo* (com acompanhamento de um triângulo no refrão) ou nas composições do Zenilton *Cana Caiana*, a sacana *Rio das Pedras*, além de *Cajueiro*, música de domínio público da cultura nordestina.

Brincavam que faziam forró-core, mistura do forró com hard rock e era verdade, bebiam de todas fontes, faziam um som pesado e rápido. Muitas pessoas que conheceram os Raimundos anos depois com *A Mais Perdida* ou *I Saw You Saying* não imaginavam que eles tocavam pauladas como *Rapante* ou *Carro Forte*. *Bê a Bá* e *Palhas do Coqueiro* foram outros dois grandes hits do álbum, que eram cantadas por todos os adolescentes daquele ano. Destaque para as deliciosas *Cintura Fina* e *Minha Cunhada*, que mostravam o quanto eram geniais quando o quesito era criatividade e melodia. A única balada do disco era a pra lá de cafajuste, *Selim*. Escutar essa na casa da mãe, só de fone de ouvido.

E foi assim que surgiram os Raimundos, de maneira avassaladora conquistaram mídia e fãs. A carreira teve altos e baixos e mudanças de formação. Mas o primeiro disco desses caras é, sem dúvida, um dos dez maiores discos de rock feitos no Brasil e merece um lugar de destaque na sua prateleira. **TU**

reviews

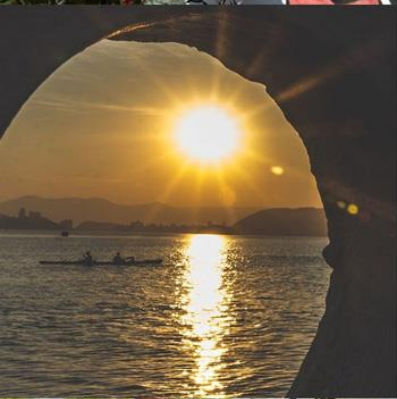
\fernando de santis
\thiago souto

OUÇA ESTES
CDS EM NOSSAS
PLAYLISTS NO
SPOTIFY. SIGA
TU_REVISTA





#EU SOU TU



fotos

- \@_kaiquesantos \@404.ape \@amandadesza
- \@birrasantucci \@Cluchi \@cheiodemim
- \@dani_rodriguesdovalle \@danielawhaddad
- \@des_focadas \@desantis69 \@doisnacerveja
- \@ed_jardimkrt \@felipehpaixao \@gibaservo
- \@girls_on_beer \@hiltonioneda \@jessicaofonseca
- \@jorgenaslauski \@l_lemes \@leandrogama013
- \@lgedesmelo \@lipe1717 \@lucastrk \@marcialongboard
- \@marjori.am \@mel.canada \@meussroteirosdeviagem
- \@mspersonalsantos \@pribarreto \@rafaeldardaque
- \@rahdardaque \@renatafiglie \@soutodoloko
- \@thatytlittlevamp \@thayscardozodacosta
- \@vanessacidperes \@wancaetano
- \@weslleyrribeiro \@xisler2000 \@ysy_sp





TU